

Instituto de Investigaciones Gino Germani

VI Jornadas de Jóvenes Investigadores

10, 11 y 12 de noviembre de 2011

Luis Marcelo Bolo Lima

Afiliación institucional: UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

luismarcelo_blima@hotmail.com.br - luismarcelo@bourbonshopping.com.br

Eje problemático : Espaço, Tempo y Território

Título de la ponencia: Alteração das paisagens com a implantação das Monoculturas Arbóreas
no pampa do Rio Grande do Sul e Uruguai

Introdução

As relações de convívio entre os “povos do prata”, sempre foram calcadas em disputas e relações de poder. Este território já foi palco de guerras e conflitos que cunharam a região, e lhe deram seus traços políticos, econômicos e culturais que hoje conhecemos. Assim, alguns resquícios destes embates e rivalidades históricas ainda encontram-se presentes neste território, que se materializam de diversas formas e maneiras, desde a polemica questão da nacionalidade de Carlos Gardel, a autoria dos melhores tangos, as disputas futebolísticas etc.

No âmbito político e econômico não é diferente. Essa relação bilateral, por vezes conflituosa, às vezes se manifesta de maneira mais forte. Foi o caso da chamada “Guerra das papelarias”. Por um lado, o direito de um pequeno país assolado pela sua inércia econômica e incapacidade industrial, tentando catalisar recursos e investimentos que lhe possibilitem aumentar suas receitas e desenvolver-se. Por outro, os interesses de um país maior territorialmente, tentando igualmente atrair estes investimentos para a sua margem do rio a qualquer custo. Isso gerou um conflito político ao longo da fronteira natural entre Uruguai e Argentina, com o fechamento de três pontes que davam acesso e ligavam os dois países, prejudicando terrivelmente a economia uruguaia. Travam-se disputas em instâncias internacionais e manifestações públicas em ambos os lados do rio a favor e contra. Encontram-se pessoas favoráveis e desfavoráveis em ambos os países, mostrando o quão polêmica é a situação.

A raiz disto surge à questão das monoculturas no pampa uruguaio. Quais impactos sócio-ambientais estas monoculturas podem causar e como estes investimentos de multinacionais em compras de terras para plantação de eucaliptos e celulósicas podem afetar o padrão e a forma de viver dos gaúchos dos pampas orientais? O fato de arriarem fábricas de celulose no rio Uruguai, nos alerta que, as mesmas, necessitam de elevada demanda de matéria prima, no caso, árvores. Para produzir essa quantidade gigantesca de matéria-prima, são necessárias áreas de produção grandiosas, as quais tomarão espaço de outras culturas, sejam elas de pecuária ou agrícola, demandando mudanças na sua paisagem e território, de caráter econômico, físico e cultural, consolidadas ao longo de centenas de anos, num país de manifestações tradicionalistas próprias e extremamente enraizadas.

Essas “adaptações” da economia e cultura poderão desfigurar totalmente as tradições e comportamento do povo deste território, que terá não somente sua forma de viver e pensar

alteradas, mas ainda por cima, sua forma de conviver e visualizar a paisagem do seu território e do seu espaço, deixando-o ou alterando severamente sua identidade territorial, uma vez que, segundo SOUZA (1995):

“[...] a ocupação do território é vista como algo gerador de raízes e identidade: um grupo não pode ser mais compreendido sem seu território, no sentido de que a identidade sócio-cultural das pessoas estaria inarredavelmente ligada aos atributos do espaço concreto (natureza, patrimônio arquitetônico, paisagem)”.
(SOUZA, 1995 p 160)

Com isto penso que, ao modificar a base econômica, afetar-se-ão as raízes culturais e conseqüentemente sua identidade, alterando sua percepção e noção de território e pertencimento ao mesmo.

Este trabalho, fruto do desenvolvimento da minha dissertação de mestrado em Geografia no Programa de Pós Graduação em Geografia da UFRGS, tem como objetivo, organizar e repensar a questão da indústria florestal dentro do bioma pampa, que compreende a metade sul do estado do Rio Grande do Sul (Brasil) e Uruguai.

A problemática principal orbita sobre quais são as influências e as conseqüências ambientais oriundas da ruptura da paisagem originadas pela implantação das monoculturas arbóreas no pampa do Rio Grande do Sul, no Brasil assim como no pampa uruguaio. Estas regiões, pelas suas similitudes geográficas, serão o objeto de estudo para encontrar pontos de ruptura nas paisagens campestres, até então tidas como de referência. Além disso, detectar seus antigos e novos significados para os habitantes dessas regiões; o que se poderia chamar de novas resignificações no âmbito da paisagem. Grosso modo, pretendemos analisar a disputa pelo espaço, entre o campo e lavoura “tradicionais” contra os maciços arbóreos e sua eventual conseqüência na alteração das paisagens locais.

Estas considerações iniciais nos servem, num primeiro momento, de base e alerta para uma análise do que pode vir a ocorrer no estado do Rio Grande do Sul, uma vez que, conhecemos os interesses destas indústrias em ampliar sua área de atuação para dentro desse estado, nos mesmos moldes do oriente platino.

Alterações no espaço

Incontáveis vezes nos debruçamos sobre questões e indagações que colocam frente a frente, relações de poder e interesses. A forma dinâmica que caminha o mundo pós-guerra fria, (não que antes não fosse dinâmico, porém seguindo outros processos) com o advento de uma globalização mais “voraz”, e novos tipos de relações e conflitos, nos deixa, por vezes, atônitos e sem parâmetros na dura função de tentar compreender e pensar o espaço seja ele na escala que for. Essa dinâmica social conturbada e ágil nos leva a tentar cada dia mais, desvendar e entender o espaço, os comportamentos e as relações dentro dele, procurando respostas. No entanto, muitas vezes, as mesmas se apresentam revestidas de outras questões, e assim consecutivamente.

A questão da “Guerra das papeleiras” chama a atenção sobre três aspectos principais, no que diz respeito a relações, influências e alterações no espaço: O primeiro é o conflito entre dois Estados Nações, gerados por uma empresa oriunda de um terceiro Estado. Isso nos remete a uma reflexão sobre a capacidade intervencionista a qual os territórios estão expostos, frente a capacidade econômica de empresas, e suas benéficas ou maléficas, (depende do caso) conseqüências que suas influências são capazes de gerar. A força que esse poderio econômico possui para interferir sobre determinados espaços, de forma a alterá-los e “manipulá-los”, conforme sua vontade, (pois, lança mão para isto, não de uma capacidade bélica, mas algo proporcionalmente mais forte na dinâmica de mundo atual, a capacidade financeira) por vezes nos faz pensar mais profundamente sobre as questões dos territórios. Os territórios, em si flutuam sobre um manto instável de relações políticas, sociais, culturais e principalmente econômicas, que as fazem seguir um processo de metamorfização constante.

Em segundo lugar, o assunto em tela desperta atenção especial à questão sócio ambiental. Que tipos de impactos, a silvicultura pode gerar num bioma como o pampa e, somado a isso, a construção de papeleiras nas margens do rio Uruguai? Somando esse provável impacto ambiental, questiono ainda sobre quais as conseqüências e influências sobre a paisagem local e ainda, a possível alteração de suas características econômicas e culturais profundamente marcantes e sedimentadas desde o período colonial ibérico, pois, como afirma SANTOS (1977. p84), “[...] modo de produção, formação sócio-econômica e espaço são categorias interdependentes”. Resumindo, ao influirmos sobre os modos de produção, influímos sobre sua formação sócio-econômica e conseqüentemente sobre seu espaço, alterando pois, sua cultura, costumes e modais.

Por último, mas não menos importante, a relação de similitude cultural, entre gaúchos do pampa uruguaio e os do pampa sul-rio-grandense, nos faz refletir sobre as conseqüências destas práticas, que possam igualmente ser geradas no Rio Grande do Sul, baseado nos resultados apresentados no Uruguai. Grosso modo, é importante fazer um comparativo da situação do Rio Grande do Sul, parametrizando a realidade uruguaia, influenciada e “atingida” igualmente por essas forças de poder exógenas ao seu território. Forças essas que, pouco a pouco, após utilizarem o Uruguai como uma espécie de cabeça de ponte para chegar ao Rio Grande do Sul, volta seus “canhões econômicos” para o extremo sul brasileiro. Podemos, para analisar este fato, lembrar CORREA (1995) falando sobre seletividade espacial nos diz que:

“[...] no processo de organização de seu espaço o Homem age seletivamente. Decide sobre um determinado lugar segundo este apresente atributos julgados de interesse de acordo com os diversos projetos estabelecidos”. (CORREA, 1995. p95)

Ora, propriamente o caso em questão. As multinacionais decidem influenciar, (lançando mão do seu poderio econômico) um determinado lugar, julgando seus interesses pré-estabelecidos.

No caso do Rio Grande do Sul, seguindo ainda a idéia de CORREA (1995. p98), podemos afirmar tratar-se também do que ele chama de antecipação espacial, pois, antecipa-se à criação de uma oferta significativa de matéria-prima ou de um mercado consumidor de dimensão igual ou superior ao limiar considerado satisfatório para implantação da atividade.

Consideramos, pois, imperiosa, a necessidade de estarmos atentos a estas disputas de poder entre os Estados Nações do Uruguai, Argentina, as fábricas de celulose e a indústria do florestamento dentro do bioma Pampa. Devemos refletir se, após sorver nossos recursos, não nos deixarão na condição de marginalização espacial, no que se refere aí novamente CORREA (1995) ao afirmar que:

“[...] o valor atribuído a um dado lugar pode variar ao longo do tempo, pois razões de ordem econômica, política e cultural podem alterar a sua importância e, no limite, marginaliza-lo, deixando-o à margem da rede de lugares que se vincula”. (CORREA, 1995. p98)

O que pode acontecer com este espaço, este território uma vez que, seu solo já não produza mais árvores suficientes e seus rios, provavelmente poluídos, não forneçam mais água potável para consumo? E os habitantes, após terem sua forma de vida alterada por novos modais, hábitos e formas de percepção de seu território, poderão voltar atrás e readquirir suas velhas lidas campeiras? O território voltará a ser o mesmo?

É temeroso tentar conceituar território neste momento, embora importante na fluência deste ensaio. Não pretendo aqui entrar nesta questão tão complexa. No entanto, acredito ser necessário tratá-lo especificamente aqui, de maneira pontual, sob dois aspectos. O primeiro é o impacto e/ou a nova territorialização social, advindas das relações de poder entre as empresas instaladas, no caso em voga, as fábricas de celulose, a indústria de florestamento e os habitantes do lugar. O segundo são os impactos e suas atenuantes ao ambiente deste território, previamente ocupado, com suas relações de convivência e percepção de espaço.

O território, objeto de vários estudos e pesquisas dentro do vasto campo geográfico é, num primeiro momento, local de conflitos em várias escalas distintas, mas associadas entre si. Não podemos descuidar das formas de aplicação das escalas para estudar os fenômenos dentro do espaço, pois, como afirma Castro “[...] a escala é também uma medida, mas não necessariamente do fenômeno, mas aquela escolhida para melhor observá-lo, dimensioná-lo e mensurá-lo” (CASTRO 1995, p87). Ainda, o mesmo autor refere-se, em relação a espaço e formas de escalar os fenômenos nele expostos, afirmando que “[...] desde a sua institucionalização como disciplina acadêmica, a geografia se viu diante da tarefa de compreender a produção, a organização e a diferenciação do espaço” (CASTRO 2005, p75). Neste ponto, temos que entender como se organizou o território uruguaio com o advento destes investimentos, e quais foram os impactos na forma de produção e organização espacial, isso em escalas distintas, ou seja, no território do país como um todo, assim como em escala menor, no local onde estão localizados tais investimentos e as plantações de monoculturas. Com isso, podemos tentar entender que impactos positivos ou não, foram causados no território, ou ainda, ao que se refere (CASTRO 2005, p79) quais efeitos perceberam-se na “[...] base material e simbólica da sociedade”. Necessário pois, verificar se houve influências no modo de viver, de pensar o espaço e as novas resignificações da paisagem geradas pelas pessoas que ali habitam, assim como as relações de poder dentro deste território pois, como afirma (SOUZA 1995, p115) “[...] o território é essencialmente um instrumento de exercício de poder: quem domina ou influencia quem nesse espaço, e como?” ou ainda, qual a “[...] exclusividade de um poder em relação a um dado território”. A guisa de melhor compreensão,

necessitamos entender qual é a relação tripartite entre as empresas que ali estão investindo, os moradores e os governantes, no que podemos resumir como, a relação entre dinheiro, sociedade e política, deste lugar.

É importante entender que toda ação de investimento visa lucro e receita. Quando se investe em um lugar, se investe para tirar proveito deste, através de seu mercado, infra-estrutura, modo de vida etc. As empresas buscam também, alterar modos de consumo e pensamento, introduzindo nas pessoas e, por conseguinte ao mercado local, pretensas “necessidades”. No entanto, via de regra, esses investimento também trazem vantagens ao local, seja através de melhorias nas vias de transporte, melhor iluminação, segurança geração de impostos etc. Por isso é sempre necessário avaliarmos quais as reais vantagens advindas desta ação de agentes externos dentro do território sob o prisma econômico, ou seja, qual os malefícios e os benefícios no espaço e nas pessoas que o habitam em relação aos investimentos de infra-estrutura, lazer, aumento de empregos e impactos no meio ambiente. Resumindo, evoco Raffestin, ao se referir a questão da produção do espaço:

“[...] a produção de um espaço, o território nacional, espaço físico, balizado, modificado, transformado pelas redes, circuitos e fluxos que aí se instalaram: rodovias, canais, estradas de ferro, circuitos comerciais e bancários, auto-estradas e rotas aéreas etc. O território nessa perspectiva é um espaço onde se projetou um trabalho, seja energia e informação, e que, por consequência, revela relações marcadas pelo poder”. (RAFFESTIN, 1993: 143-4).

Por isso, creio ser fundamental confirmar ou não, se houve de fato, modificações no espaço e na paisagem de ordem favorável à população que ali se encontra, ou unicamente deu-se ganho ao “investidor” dentro desta intrincada relação de poder.

Por outro lado, é o ambiente. Da mesma forma que tentamos entender quais impactos sociais (investimentos em infra-estrutura, ganho de empregos, modificações ou não no comportamento cultural etc) foram originados a partir da construção de papeleiras na margem oriental do rio Uruguai, temos de analisar sempre, como e quais impactos esses investimento geraram no meio ambiente deste lugar. Como afirma OLIVEIRA e MACHADO (2004),

“[...] o desenvolvimento econômico, por implicar uma intensificação da atividade econômica, acentua o processo de saque sobre a natureza e a devolução ao meio ambiente dos resíduos de fabricação ou utilização dos bens econômicos. Como consequência, há uma interação entre esses dois sistemas, ou seja, o sistema econômico e o sistema natural”. (OLIVEIRA e MACHADO, 2004: 93).

Ora, temos, pois neste local, de fato, uma interação entre esses dois sistemas. Por isso, necessitamos saber quais impactos e consequências um causa sobre o outro e como as empresas que se colocaram ali, tratam essa relação. Como administram as empresas florestadoras, a relação do que as autoras aludidas acima citam, no tocante a “aquilo que se retira é aquilo que volta ao meio ambiente, por obra da atividade econômica”?

Referencial teórico e metodológico

Antes de qualquer coisa, é de suma importância definir o principal balizador para o desenvolvimento da pesquisa, item este que irá orientar e trilhar o estudo em direção a conclusão do trabalho. O principal conceito que será utilizado neste trabalho para atingir o objetivo final será o conceito de **paisagem**. Ela será utilizada como uma categoria de análise geográfica para concretizar meus objetivos.

Prosseguindo, já definida a categoria de análise, é interessante verificar dentro desta, a importância da questão tempo/espaço para a formação da paisagem. Da relação destes dois pólos transformantes, podemos vislumbrar as tendências, as relações da sociedade e natureza, e seu ponto de visualização mais concreto e visível a olho nu, a paisagem. Foi consenso entre os colegas da disciplina de Paisagem, no PPG da UFRGS, concluída ainda no primeiro semestre de 2011 e na qual tive o privilégio de ter como professor meu próprio orientador de mestrado, o Prof. Dr. Roberto Verdum, que, em termos gerais, paisagem era tudo aquilo que poderíamos enxergar a nossa frente.

O tempo modifica o comportamento das sociedades e das pessoas ao longo dos anos o que, por sua vez, alteram as projeções da interface com o espaço. Atitudes e comportamentos hoje repudiados podem amanhã, serem tolerados com naturalidade, assim como seu inverso também é possível. Evidentemente, estas percepções e visões de mundo acarretam em

alterações das paisagens, esta que é segundo LEITE (1994, p. 7) “um reflexo da vida social do sistema produtivo” cujas “formas transformam-se ou desaparecem sempre que as teorias, filosofias e necessidades que as criam não são mais reais...” A percepção da paisagem, assim como sua concretude é, pois, entre outras coisas, a resultante do acúmulo de ações sobre o espaço num dado tempo acumulado. Por conseguinte, é de suma importância os relatos de antigos habitantes do lugar para fazer uma análise comparativa com os mais jovens, para termos um ponto de comparação entre o que representa aquela paisagem para um e para outro grupo.

Como referencial teórico para meu trabalho, pretendo usar entre outros, principalmente Santos (1997), e suas idéias de paisagem. Para ele paisagem é:

“... o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza”.
(SANTOS, 1997, p. 83)

Nesse dito conjunto de formas, a paisagem, fruto de heranças passadas da relação do homem com o homem e a natureza do local, pretendo focar meu estudo. Exatamente quais as relações que existem ali, qual é a sensação de pertencimento que elas expressam e sentem e de que forma. Estes são os pontos de análise em minha pesquisa, uma vez que, segundo o Prof. Figueiredo (1998, p. 41) a paisagem “representa um conceito socialmente construído ao longo de um período histórico” muito embora segundo LECOEUR (1987) se constitua de uma associação de elementos concretos. Pois bem, no interstício destes elementos concretos da paisagem, alterados pela implantação de monoculturas arbóreas, com o conceito socialmente constituído de paisagem na região do pampa, orbita minha pesquisa.

Muito embora Santos (1997) afirme que: “a rigor, a paisagem é apenas a porção da configuração territorial que é possível abarcar com a visão” (SANTOS, 1997 p. 83), aliás, idéia que corrobora com a noção de paisagem apresentada no coletivo dos colegas da disciplina supracitada, por outro lado ele afirma que “o espaço é a sociedade, e a paisagem também o é.” (SANTOS, 1997 p. 84). Sendo assim, a noção, a percepção e a construção da paisagem é um ato social e será diferenciada em relação às distintas sociedades e estas, por sua vez, serão também diferenciadas em relação ao seu tempo ou suas contemporaneidades, afetadas pelas formas de produção e suas tecnologias, em dado momento do tempo. Estas formas de produção do espaço, intimamente ligadas à forma de organização da sociedade e

conseqüentemente das atividades econômicas perpetradas nela, irão severamente constituir a força matriz modeladora da paisagem do lugar ou das regiões de interesse nesse estudo.

Segundo Reboratti (1993, p. 17) “a paisagem humana é uma combinação de vários tempos presentes”. Santos (1997 p. 83) complementa afirmando que “na verdade, paisagem e espaço são sempre uma espécie de palimpsesto onde, mediante acumulações e substituições, a ação de diferentes gerações se sobrepõe”. Estas ações de diferentes gerações em diferentes tempos, frutos de formas de pensar e de agir distintos, marcam a paisagem e a moldam seguindo seus diferentes contextos e formas de ver a vida. A história da sociedade, seus marcos culturais gerados ao longo do tempo, os traços marcantes da sua personalidade coletiva quer sejam suas formas de viver, comer, pensar, vestir agir etc, são criados ao longo de gerações, frutos de uma forma de vida criada e recriada pela coletividade, matriz que molda a paisagem e lhe dá a sua aparência e funcionalidade atual, conforme o vivido no passado e no presente. Santos (1997 p. 86) corroborando com essa linha de pensamento, afirma que: “a função da paisagem atual nos será dada por sua confrontação com a sociedade atual” e ainda, afirma que “a paisagem é história congelada, mas participa da história viva. São as suas formas que realizam, no espaço, as funções sociais.”

Esta marca que o homem imprime e faz moldar a paisagem, é fruto de uma dinâmica social, da forma como o qual um grupo de atores sociais age sobre determinado lugar. As relações de imposição do homem sobre o homem e sobre a natureza em si, alteram e marcam a paisagem, por meio da relação da própria sociedade.

“A paisagem é testemunha da sucessão dos meios de trabalho, um resultado histórico acumulado”. (SANTOS, 1997, p. 87)

A transformação da paisagem e seu conseqüente resultado ou morfologia atuais, dar-se-ão por evidentes movimentos de alterações comportamentais das sociedades, principalmente pelos meios econômicos, pois este, é sem dúvida o maior motor de modificação da paisagem, quer seja de forma direta quer seja de forma indireta. Esta dinâmica da organização humana moldará as paisagens, resultado das relações e dos processos dados em um determinado lugar, durante um período de tempo predefinido. Este período, com uma dada dinâmica social funcional específica, em um espaço delimitado, surtirá como conseqüência, a formatação de uma nova paisagem, remodelada em outro período, por outra dinâmica e uma nova forma de ver da sociedade. Mesmo espaço, outro tempo, distinta

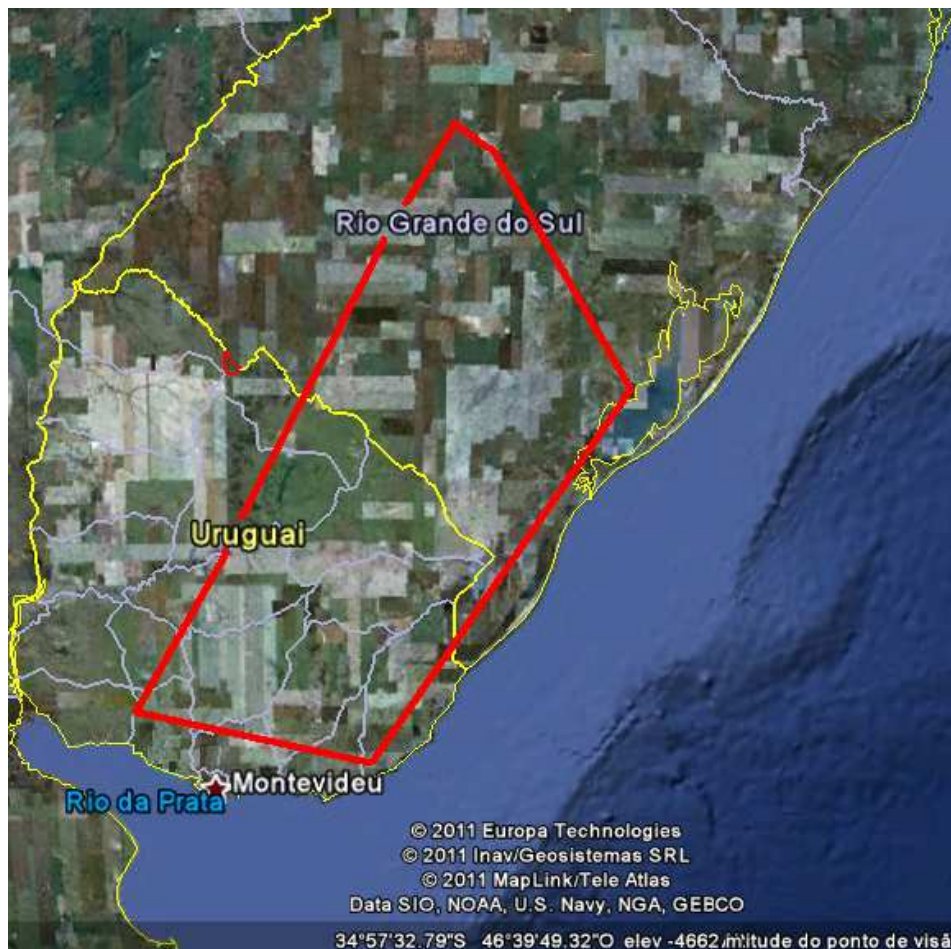
sociedade e conseqüentemente novas paisagens. Este processo está sempre em constante evolução, e, por conseguinte, a alteração e a modificação das paisagens também, sem furtar-se a função de, conforme Dantas (2005, p. 127), “ver como a paisagem é o reflexo da civilização, tal é uma das principais tarefas do geógrafo; é um trabalho de análise que ele precisa fazer para distinguir o que provém do solo, do clima e também da técnica agrícola, da organização social.”

Há que se considerar, no entanto, que as paisagens passadas, mesmo alteradas, possuem uma significação aos habitantes mais antigos, cujos sentimentos e visões não foram propriamente alterados junto com a paisagem, mantendo-se inalterados, mesmo com a nova formatação estética da paisagem. Esta alteração nem sempre gera uma resignificação para os habitantes de gerações mais antigas, que matem seus hábitos e costumes já arraigado em seu dia a dia, pois, como Santos muito bem assevera “considerada em si mesma, a paisagem é apenas uma abstração, apesar de sua concretude como coisa material. Sua realidade é histórica e lhe advém de sua associação com espaço social.” (1997 p. 87). Ele ainda afirma que “é a sociedade, isto é, o homem, que anima as formas espaciais, atribuindo-lhe um conteúdo, uma vida.” (1997 p. 88), ou seja, mesmo havendo alteração da paisagem material, concreta, da sua morfologia em si, o significado que a paisagem anterior possuía ainda lhe é válida, foi nela que parte dos homens criou raiz, cresceu, desenvolveu sua visão de mundo e seus pontos de referência, sendo, pois, ele mesmo, o homem que atribui ou retira valor a paisagem ao seu véu prazer conforme seus sentimentos.

Por isso, torna-se necessário saber até que ponto, estas monoculturas arbóreas, embora modifiquem de fato a paisagem de forma concreta, alteraram a significância da paisagem para os habitantes mais antigos da região, habitantes estes que a conheceram como grandes pastagens ocupadas pela pecuária extensiva, e suas formas de convivência com esta realidade, a exemplo do gaúcho do ginete, domador de cavalos, laçador de gado, lidas do campo etc.

Procedimentos para pesquisa:

Para alcançar os objetivos propostos para esta pesquisa, a pretensão inicial é, em primeiro lugar, formatar uma cartografia da região em estudo, basicamente a que segue, para delimitarmos de maneira mais específica as regiões de estudo. Este mapa irá delimitar as regiões de abrangência do estudo (área em vermelho do mapa) sendo que, dentro deste polígono preestabelecido, serão definidos os municípios ou os distritos onde serão efetivamente feitas as pesquisas de campo.



Em cada ponto/cidade previamente escolhidos, serão analisadas e colhidas fotografias da paisagem concreta, para que possam ser estabelecidos os parâmetros de similaridade física entre os mesmos (relevos, vegetação, fauna e clima), assim como uma superficial análise de impactos no meio, como diminuição de alguma espécie animal ou vegetal ou influência ou extinção de algum corpo hídrico local. Serão analisados também as infra-estruturas preexistentes antes da implantação desta matriz econômica, assim como, a construída a partir dessa raiz econômica já implantada.

Por outro lado, igualmente nestes mesmos municípios ou distritos, serão feitas pesquisas com os habitantes das regiões para tentar descobrir, qual a percepção deles em relação às alterações das paisagens propostas pela monocultura arbóreas. A quantidade de amostras e a formatação do formulário de pesquisa serão futuramente desenvolvidos junto ao Prof. orientador. Tentar-se-á aí, visualizar se existe alguma ruptura na paisagem sob a ótica das pessoas que lá habitam.

Na continuação, os dados serão compilados e confrontados para ver qual município ou distrito, sofreu uma maior ruptura na paisagem e quais os pontos de percepção da população local em relação a esta ruptura tornaram-se mais evidentes.

Conclusão

Concluindo, a relação entre mercado e investidor é muito complexa e seu resultado concreto no espaço e na paisagem são por vezes muito evidentes. Toda aplicação de capital visa um retorno, o lucro. O ganho deverá ser o mais rentável e rápido possível, e será gerado e reproduzido onde quer que seja não importando propriamente as necessidades do lugar em relação à projeção de lucros proposto pelas empresas. Num primeiro momento, os investidores devem fazer contra partidas de infra-estrutura e ambientais nos locais onde fazem seus investimentos. No entanto, sabemos que as coisas na vida real não funcionam bem assim. É primordial ao bem estar da sociedade que em geral, todo investimento, seja ele qual for, de empresas locais ou externas, seja acompanhado de um delicado estudo de impacto sócio ambiental isento, visando detalhar sob quais aspectos este investimento poderá impactar e as reais formas de atenuar tais impactos. No caso das empresas de florestamento aqui tratadas, que devem impactar cada vez mais o Pampa, o impacto poderá ser grande e profundo, atingindo aspectos culturais construídos e sedimentados ao longo de muitos anos, em detrimento de poucos ganhos econômicos à população local. Este artigo meramente especulou sobre estes temas, pretendendo fazer um alerta e levantar a questão. Carece ainda de elementos de pesquisa mais refinados, que serão desenvolvidos ao longo de 2012 durante a confecção da minha pesquisa e dissertação de mestrado, mas objetiva plantar ainda assim, a dúvida, se as influências externas do capital podem se sobrepor aos hábitos e costumes da cultura local, moldando-os ao seus interesses.

Referências bibliográficas

SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço, técnica e tempo, razão e emoção. 2 ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

DANTAS, Aldo. Pierre Monbeig: um marco histórico da Geografia brasileira. Porto Alegre: Sulina, 2005.

FIGUEIRÓ, Adriano S. Artigo Evolução do conceito de paisagem: uma breve revisão. Revista GeoSul. Florianópolis / vol. 13 nº 26: 1998

MACIEL, Caio Augusto Amorim. Morfologia da paisagem e imaginário geográfico: Uma encruzilhada Onto-Gnoseológica. Universidade Federal de Pernambuco. Geografia – Ano. 3 – Nº 6 – 2001

BERTRAND, Georges; BERTRAND, Claude. Uma geografia transversal e de travessias: o meio ambiente através dos territórios e das temporalidades. Maringá: Massoni, 2007.

Corrêa, Roberto Lobato & Rosendahl, Zeny (org.) Paisagem, tempo e cultura. EdUERJ: Rio de Janeiro. 1998.

DEGREAS, Helena Napoleon. Paisagem e proteção ambiental: algumas reflexões sobre conceitos, desenhos e gestão do espaço In: Paisagem e Ambiente: Ensaios. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. São Paulo: FAU, 1982 n° IV

DEL RIO, Vicente. Paisagem, realidade e imaginário: a percepção do cotidiano In: Paisagem e Ambiente: Ensaios. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. São Paulo: FAU. 1997 n° 5

BERTRAND, Georges; BERTRAND, Claude. Uma geografia transversal e de travessias: o meio ambiente através dos territórios e das temporalidades. Maringá: Massoni, 2007.

Corrêa, Roberto Lobato & Rosendahl, Zeny (org.) Paisagem, tempo e cultura. EdUERJ: Rio de Janeiro. 1998.

DEGREAS, Helena Napoleon. Paisagem e proteção ambiental: algumas reflexões sobre conceitos, desenhos e gestão do espaço In: Paisagem e Ambiente: Ensaios. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. São Paulo: FAU, 1982 n° IV

DEL RIO, Vicente. Paisagem, realidade e imaginário: a percepção do cotidiano In: Paisagem e Ambiente: Ensaios. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. São Paulo: FAU. 1997 n° 5

DEFFONTAINES, Jean-Pierre Les sentiers d'un Géoagronome. Éditions Arguments: Paris. 1998.

LUGINBUHL, Yves La demande sociale de paysage. Conseil National du Paysage: Paris. 2001.

ROGER, Allain (org.) La théorie du paysage en France (1974-1994). Éditions Champ Vallon: Seyssel. 1995.

ROUGERIE, Gabriel & Beroutchachvili, Nicolas. Géoystèmes et Paysages: bilan et méthodes. Armand Colin Éditeur: Paris. 1991.

SANTOS, Emmanuel Antonio dos. Paisagem: abordagem e investigação In: Paisagem e Ambiente: Ensaios III. Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Departamento de Projeto, Grupo de disciplinas Paisagem e Ambiente. 1989

SERPA, Ângelo. Clonagem de paisagens: como alguns projetos de intervenção transformam as paisagens urbanas em não-lugares. In: Paisagem e Ambiente: Ensaios. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. São Paulo: FAU, 1997 n° 12, dez 1999.

TUAN, Yi Fu Topophilia. A study of environmental perception, Attitudes and Values. PRENTICE-HALL, Englewood Cliffs, New Jersey. 1974.

VILÁS, J.R.; Bovet Pla M. Del. T. Manual de Ciencia del paisaje – teorías, métodos y aplicaciones. Maria de Bolós (organizadora). - Colección de Geografía. Ed. Masson S. A. Barcelona. España. 1992.